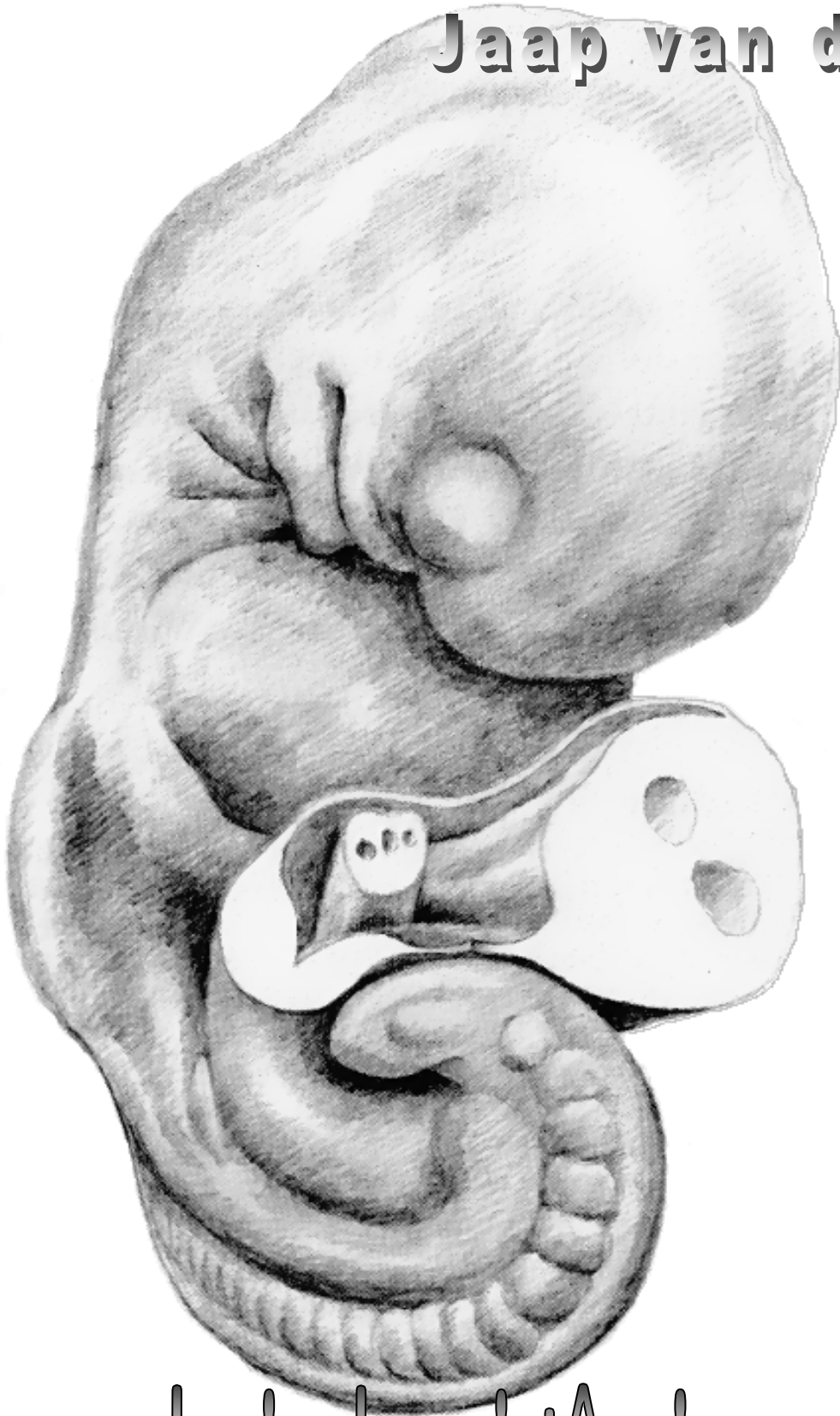


# O DISCURSO DO EMBRIÃO

Jaap van der Wal



A fenomenologia da existência embrionária

Este texto é baseado em  
De spraak van het embryo,  
Een fenomenologie van het embryonale bestaan  
De: Liber amicorum Steven de Batselier,  
Betty Reiniers e Peter de Roy  
Julho de 1998, D-1998-Betty Reiniers, editora.  
**Data da última edição em inglês: setembro de 2003**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida em qualquer forma ou meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a autorização prévia do autor.

*O que vejo é apenas a capa.  
O mais importante é invisível ....*  
O Príncipezinho  
Antoine de Saint-Exupéry

## **Introdução**

Após os meus estudos em medicina, formei-me em anatomia e embriologia. No começo fiquei intrigado com as formas e metamorfoses do corpo embrionário. Gradualmente, comecei a envolver-me em discussões sobre o status moral do embrião em relação a novas técnicas destinadas a manipular a concepção e o próprio embrião.

Comecei a reflectir sobre questões relacionadas com alma e corpo, mente e matéria no que diz respeito aos factos e características do embrião em desenvolvimento.

O que estamos realmente a fazer enquanto seres humanos quando somos um embrião?

Em 1985, conheci pessoas como o professor Steven de Batselier, psicoterapeuta que leccionava no departamento de criminologia da Universidade de Leuven, na Bélgica. Ele familiarizou-me com as ideias e conceitos de vários psicólogos pré-natais, como Maarten Lietaert Peerbolte, Robert Laing e Nandor Fodor. Esses psicoterapeutas mencionam no seu trabalho termos como experiência pré-natal, psique fetal, choque da concepção e psicologia pré-natal. Eles estendem o alcance da experiência e da consciência humana para além dos limites geralmente definidos pela biologia médica contemporânea.

Não apenas o médico-biólogo, mas quase todas as pessoas *de boa índole* hoje em dia, estão

convencidas de que o sistema nervoso em geral e o cérebro humano em particular provou ser o centro da mente e da consciência humanas, bem como da psique humana ou alma. Muitas pessoas consideram um facto que a mente humana e a consciência humana são produzidas pelo cérebro.

Alguns afirmam simplesmente: *Tal como as glândulas secretam hormonas, o cérebro humano secreta comportamento e personalidade.*

Numa maneira de pensar tipicamente cartesiana, o cérebro e a função do sistema nervoso central são considerados a origem, a causa do comportamento humano e da psique. Essa filosofia reduziu a psique, a alma, a mente e o espírito a puros processos fisiológicos.

A visão predominante é que a alma ou psique, pertencente ao reino cartesiano da *res cogitans*, no paradigma da ciência natural agora pode ser considerada nada mais do que uma questão de acção cerebral e, portanto, pertence ao reino da *res extensa*. Por outro lado, também se poderia afirmar, parafraseando o filósofo DelaMettrie, que *o homem não tem espírito*, mas *é um ser espiritual* e que todas as pesquisas médicas sobre o funcionamento do cérebro não **comprovam** que a mente, o espírito ou a alma sejam localizados dentro do cérebro ou córtex.

Assim, eu próprio comecei a considerar a possibilidade filosófica de que um cérebro em funcionamento é uma condição necessária, mas uma condição incompleta para a origem da psique e da mente.

A literatura emergente sobre o embrião e a existência embrionária desafia actualmente a visão dualista cartesiana da mente e do corpo.

Como poderia um embrião possuir mente ou alma se nem mesmo apresenta a forma de um cérebro em funcionamento activo ou se o sistema nervoso nesta fase da existência humana nada mais é do que um longo tubo com vesículas cerebrais que são os precursores dos nervos futuros?

Assim, para a maioria das pessoas, o embrião tornou-se uma espécie de *meia existência*, uma fase em que o homem ainda não está completo ou não está inteiramente lá. De acordo com o princípio da *morte encefálica*, o embrião é considerado *mindless* ou *irracional*, o que muitas vezes é interpretado como não humano ou ainda não humano no debate moral e ético actual.

Para mim, como embriólogo, ser exposto aos pensamentos de pessoas como De Batselier e Lietaert Peerbolte foi um confronto directo com o paradigma ou pensamento da biologia médica tradicional.

Como é que estes pensadores consideram que um embrião funciona no sentido da psique, da experiência e do comportamento? Como é que um embriólogo deveria julgar uma afirmação como a de Laing: "Será que passamos por transformações ou variações das nossas primeiras experiências pré-natais durante os ciclos posteriores de vida, mesmo antes de um sistema nervoso especial integrar o corpo? Poderá ser verdade que os padrões das nossas experiências pré-natais servem como uma espécie de modelo para os padrões que mais tarde formarão o tecido da nossa complexa vida pós-natal enquanto comportamento e alma?" (1)

---

1-É possível que nós, células, antes e depois do surgimento do tecido neural especializado, nos reproduzamos em fases posteriores das transformações ou variações do ciclo de vida das nossas primeiras experiências? Os nossos padrões experienciais pré-natais podem funcionar como modelos para alguns dos nossos padrões entretidos na complexa malha do design pós-natal? ". Robert Laing em: Facts of Life.

Como poderia ou deveria um embrião funcionar psicologicamente quando apenas existe um sistema nervoso muito simples ou primitivo em desenvolvimento? Se a vida e o comportamento da alma são restritos ou limitados a um sistema nervoso em funcionamento, como seria possível para um embrião ter tais experiências ou exibir um comportamento consciente?

Uma possível chave para este dilema foi-me dada na definição de *comportamento*.

O biólogo Weiss afirma: "Os sistemas biológicos exibem comportamento". Desta forma, Weiss está a propor uma definição mais ampla de comportamento do que a simplesmente expressa em termos como manejar, fazer, executar. Também posso ler comportamento em organismos vivos a partir das suas formas ou configurações, da sua Gestalt, de sua aparência morfológica em constante mudança. Um organismo é-nos apresentado como uma unidade de forma, função e ambiente, mudando continuamente no tempo. A rosa no vaso não é a rosa. Tenho que incluir o tempo na minha imagem da rosa: da semente à planta, ao botão, à flor, ao murchar, etc. Muito antes de agir externamente, de *actuar* por assim dizer, o organismo já apresenta um comportamento morfológico; exhibe comportamento por meio das suas formas, da organização corporal e configuração. Desta forma, uma bétula ou um carvalho exibem comportamento. Elas comportam-se como uma bétula ou um carvalho na forma que se dá a ver. Para perceber e **compreender** o organismo eu poderia descrever o seu comportamento no sentido mais amplo da palavra. Forma, configuração e aparência são vias fundamentais através das quais o organismo expressa a sua essência de ser. Descrever e estudar a forma que se dá a ver traz-me um *insight* sobre a natureza ou essência do ser vivo ou organismo enquanto ele se expressa por meio desses comportamentos de crescimento e forma.

*Apreender* a bétula e o carvalho pode ajudar o meu processo. *Apreensão*, no entanto, não é o mesmo que *explicar* o organismo.

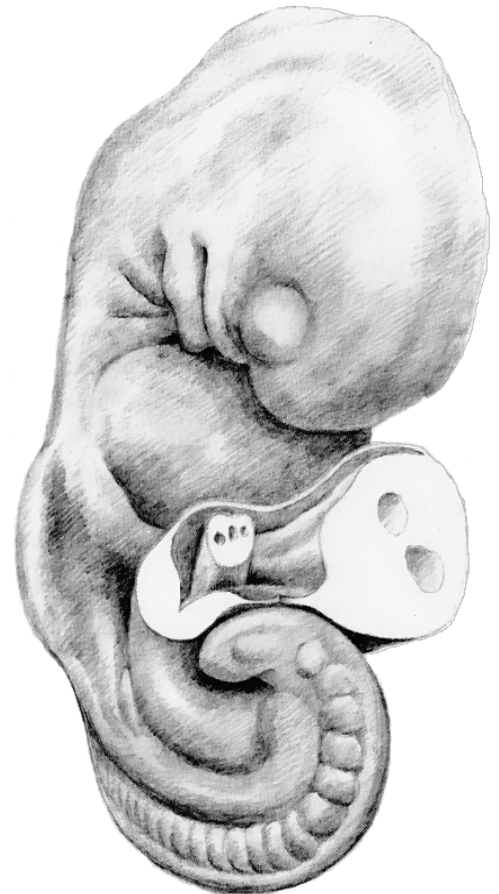
O último leva-me às formas e configurações como causas, o primeiro considera esses factores como condições.

Explicar como interpretação causal, por exemplo, é o objetivo principal da embriologia contemporânea: como podemos explicar as causas relacionadas à forma e à aparência do embrião?

Mas explicar, entretanto, não significa de forma alguma *compreensão*.

Por exemplo, sendo um anatomista, posso explicar como a mão se fecha em punho, que músculos se contraem, que articulações participam, quais os mecanismos de controle do sistema nervoso que estão activos, etc. Porém, para entender o punho como comportamento, como gesto, tenho que usar outro método de descrição e considerar o punho no contexto da actuação humana.

Quantos significados pode um punho integrar?



**FIGURE 1** Embryo about 28 days old, 4,2 mm, Carnegie 10307. Front view.

O punho da raiva contida, o punho do triunfo, da dor, da vergonha, da impotência. Se voltar a considerar assertivamente o gesto dessa forma de punho, pode ser possível encontrar o significado e o sentido desse gesto.

O punho reducionista da anatomia e da fisiologia sempre carece disso. Mostra apenas músculos, articulações, actividade nervosa e assim por diante.

Aos poucos ficou claro para mim que uma embriologia que pudesse ser conectada ou pudesse lidar com as visões e ideias mencionadas sobre a existência de algo como uma psique pré-natal tinha de ser uma embriologia de comportamento da maneira que Weiss entende.

Tento aqui esboçar os contornos de tal abordagem.

### **O corpo como instrumento da alma?**

As questões que foram levantadas na introdução deste artigo parecem estar ligadas às questões:

O que é o comportamento humano?

Qual a definição que estamos a dar para *comportamento*?

Essa pergunta poderia ser a questão-chave para a resposta à pergunta: O que estamos realmente *a fazer* enquanto embriões?

Como se constituem nesta fase da nossa vida os nossos gestos e acções?

O que podemos dizer sobre isso do ponto de vista científico (embriológico)?

É sobre a acção humana?

O que significa *crescer* na nossa biografia, no nosso desenvolvimento como organismo humano, nesta fase da vida?

Como afirmado antes, as descrições e definições regulares do comportamento humano são baseadas numa imagem reducionista do homem e da natureza. Nessa visão, o nosso sistema nervoso em geral e o nosso cérebro em particular são o último *asilo* para o que é chamado de alma ou mente humana. Dentro da estrutura de pensamento da ciência biológica moderna, nenhum outro domínio (*localidade*) ou origem (*causalidade*) podem ser considerados para além deste órgão complexo, situado dentro de nosso crânio.

Se a questão é explicar o comportamento humano em termos da função cerebral, temos uma expectativa demasiado grande na pesquisa neurobiológica. Os anos noventa do século passado foram declarados como *a década do cérebro*. No entanto, isso não é nada moderno ou novo. Há séculos que seguimos os passos de filósofos como Descartes, tentando descobrir *através do quê e onde* no corpo acontecem processos como o nosso equilíbrio, o nosso pensamento, a nossa acção ou a nossa psique.

*Localidade* e *causalidade* são noções cartesianas preeminentes. Mas a mente deve ser *localizada*? Ou é algo que surge, que acontece, por assim dizer? Aqueles que estão convencidos de que a mente ou psique estão algures *entre as orelhas* sempre alegaram encontrar justificação nos resultados ainda inegáveis de drogas experimentais, operações médicas e outros testes experimentais. Qualquer mudança na fisiologia deste cérebro, seja um processo patológico ou uma influência subtil por meio de drogas psicotrópicas ou testes neurofisiológicos, pode levar a distúrbios ou mudanças no comportamento, na psique ou na personalidade da pessoa envolvida.

Quem ousa negar hoje em dia que esse comportamento, essa psique ou essa personalidade do sujeito a ser testado se *encontram* muito rapidamente *aí*, algures *entre as orelhas*? Hoje em dia biólogos moleculares descobrem *genes do comportamento*. E esses genes são considerados como tendo um papel determinante no *bom* e no *mau* comportamento dos humanos. Em alguns círculos científicos existem rumores de algo como: *determinismo neurogenético*. Este é outro exemplo do pensamento cartesiano típico: os genes e os cérebros determinam o comportamento humano.

O comportamento foi reduzido ao *nível mais baixo* de um substrato genético e neurobiológico.

O valor de tais experimentações e testes, entretanto, não **prova** que entendemos (ou que sejamos capazes de interpretar) os mecanismos ou condições subjacentes correctamente! A característica distintiva é que tudo isso só é verdade dentro do paradigma científico contemporâneo (um determinado estado de espírito).

O conceito de causas que estão nalgum lugar situadas no substrato material do corpo encaixa-se perfeitamente na imagem específica da nossa cultura do homem em relação com a natureza. No entanto, tudo poderia ser interpretado de uma maneira diferente.

As mesmas descobertas das nossas experimentações neurobiológicas, como distúrbios ou lesões patológicas, podem também ser interpretadas e compreendidas se considerarmos cérebros e genes como **condições necessárias, mas não suficientes** para o comportamento, para a psique etc.

Explicações reducionistas arriscam **confundir a condição ou contexto do fenómeno com o próprio fenómeno!**

Faremos perguntas completamente diferentes e encontraremos outras respostas se seguirmos os passos de biólogos como Weiss e começarmos a formar o ponto de vista de que o corpo como um todo é linguagem, expressão, comportamento e que no homem como unidade psicossomática o soma (corpo) também é uma expressão da psique. Como afirma o filósofo DelaMettrie: "O animal não tem alma, é alma".

Mente e consciência são processos, funções. Eles não *estão* (localizados) nalgum lugar, eles *acontecem*, surgem.

## **Comportamento embrionário**

A questão é: será que um embrião exhibe comportamento? O assunto deste artigo parece ser uma questão sem sentido dentro de um paradigma reducionista.

Ainda mais, é uma pergunta indesejada.

Nesta visão a resposta deveria ser negativa: "Isso ainda não é possível".

Temos que esperar pelo menos até o quinto mês de existência pré-natal humana até que qualquer substracto anatómico que possa seriamente ser considerado como um cérebro exista, ou possa ser demonstrado que funciona por meio de fenómenos fisiológicos como a *actividade eléctrica*.

Estão presentes contrações e movimentos musculares, mas são interpretados como simples reflexos involuntários. Mais tarde, podem observar-se padrões de movimento, ações preliminares ou comportamento motores.

Anteriormente, durante a fase embrionária (que é na verdade a fase do desenvolvimento humano que este artigo considera), ainda menos fenómenos que possam estar associados à

ideia de que o comportamento é um tipo de produto do cérebro ou do sistema nervoso, podem ser observados.

Nessa altura, o embrião ainda carece de estruturas ou partes do corpo que poderiam ser identificadas como braços e pernas, músculos e articulações. O *Anlage* (plano) do sistema nervoso ainda nada mais é do que um simples tubo estruturado com ramos crescentes que representam os futuros nervos. Muitas, se não todas as partes do corpo que poderiam ser consideradas o suporte mínimo para o comportamento ainda não estão presentes ou estão num estado muito *imatur*o.

À primeira vista, um embrião parece estar numa fase de vida e desenvolvimento em que não se pode considerar a possibilidade de exibir um comportamento. Muitas pessoas hoje consideram a existência embrionária puramente uma questão de crescimento biológico, diferenciando e metabolizando células e tecidos. Funcionar ou existir psicologicamente está fora de ordem. A visão biomédica encaixa-se perfeitamente no conceito de que um embrião humano seja interpretado como *ainda-não-humano* ou *não-completamente-humano*. Não é surpreendente ou inesperado que essa visão do embrião humano seja tão difundida hoje em dia. Foi a ciência (as ciências da natureza) que, durante as últimas décadas, trouxe à luz numerosos factos sobre o embrião humano numa velocidade surpreendente. Até ser “descoberto” pelos cientistas, o embrião vivia uma vida bastante secreta e desconhecida. Poucos factos eram conhecidos e os poucos que o eram baseavam-se em descobertas acidentais de embriões que resultaram de abortos espontâneos ou induzidos. Uma vez que o embrião foi descoberto e trazido para os holofotes da ciência, não se tratou apenas do destino previsível do embrião ser estudado e descrito através dos óculos reducionistas de embriologistas oficiais, mas também foi **interpretado** quanto à sua essência, ao seu *ser*, dentro do quadro regular de pensamento e paradigma científico.

Portanto, a humanidade ou des-humanidade do embrião foi cada vez mais considerada uma questão secundária. O embrião científico parece ser uma questão de apenas genes, células, tecidos ou processos biológicos e bioquímicos.

A humanidade, os valores humanos e mesmo o comportamento humano não podiam ser detectados por meio dos métodos de descrição aplicados por tais embriólogos.

Por causa disso, o status moral do embrião tornou-se um jogo de interpretação ética.

Com base em vários critérios foram definidos os limites em relação à *des-humanidade* de um embrião. Alguns afirmam que pelo menos a primeira construção de algo como um sistema nervoso deve estar morfológicamente presente para respeitar um embrião como vida humana (terceira semana). Outras pessoas querem que esse órgão apresente pelo menos o mínimo de atividade cortical (quinto mês), outras nem mesmo hesitam em repudiar a humanidade ao pré-natal (antes de nascer), só depois de poder existir fisiologicamente independente do organismo materno é considerado humano.

O que um embrião está realmente **a fazer**? Essa foi a pergunta inicial deste artigo. Na tentativa de tentar obter uma resposta a essa pergunta intrigante, primeiro outra pergunta deve ser levantada. O que realmente **acontece** num embrião? Um mal-entendido muito comum que deve ser elucidado primeiro, é que um embrião não é uma questão de construção sequencial, no sentido de ser construído a partir de elementos e partes (do corpo).

A ideia e o conceito muito difundidos (na verdade, um equívoco) é que tudo começa com uma célula (o óvulo fertilizado) e que, através de um incontável número de divisões celulares, mais e mais células aparecem.

Essas células, por sua vez, crescem para se tornarem estruturas e órgãos e, dessa forma, um

ser humano é constituído por partes e elementos do corpo. No final das contas, o homem pode ser considerado a soma dos componentes do corpo: células, tecidos, órgãos que resultam especificamente, entre outros, num cérebro.

Implicitamente, conceptualiza-se que, quando o cérebro começa a funcionar, eventualmente, a personalidade e a psique são apresentadas ou produzidas pelo corpo: uma personalidade humana resulta, como consequência do corpo.

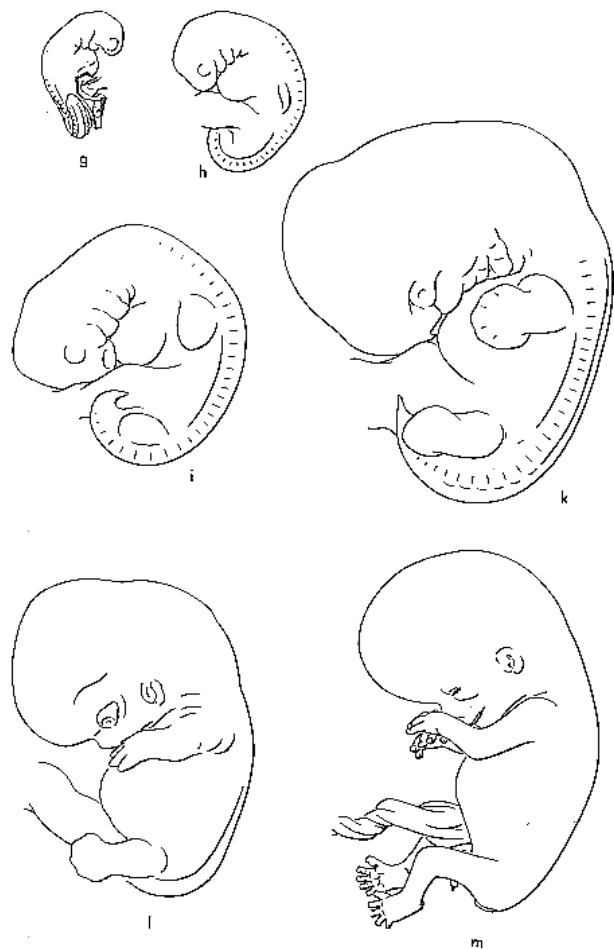
Mas essa interpretação dos processos que ocorrem no embrião não é a única, ela poderia ser conceptualizada de uma maneira diferente.

O processo essencial que ocorre no organismo do embrião é a diferenciação. Pode-se afirmar que todo o organismo é primário: o embrião pode ser considerado como um todo contínuo ou um ser totalmente auto-organizado que parece *desmoronar-se* nos seus constituintes e órgãos corporais. O embrião está de facto a manter a ordem ou a centralizar esse processo. Nalgum momento durante o desenvolvimento embrionário, pode-se observar que grupos de células se subdividem em duas populações de células que diferem em características e propriedades das células que as originaram.

Assim, pode-se descrever uma espécie de árvore de células, tecidos e órgãos que se originam a **partir uns dos outros** e gradualmente chegam a uma distinção entre si por divergirem nas propriedades. É por isso que esse processo tão típico do desenvolvimento embrionário é chamado de *diferenciação* (ou seja, a origem das diferenças).

Mas a interpretação desses processos e eventos pode levar a uma compreensão completamente diferente daquilo que está realmente a acontecer num embrião para além da ideia de que um organismo, um embrião, é a soma, resultado ou consequência das suas partes e órgãos. Órgãos e partes devem ser considerados secundários, **o todo, o próprio organismo é primário**. Nunca se pode considerar que algo é adicionado ao organismo como numa construção mecânica. A cada momento, o embrião humano pode ser visto como uma entidade que, por assim dizer, mantém uma unidade.

Uma diversidade metamorfoseada está continuamente a diferenciar-se e a aparecer **no**



**FIGURE 2.** Embryonic stages of the human embryo. In series: age of 26 days (g), about 4 weeks (h), about 5 weeks (i), about 6 weeks (k), about 7 weeks (l) and 3 months (m). From: *The human embryo*, E. Blechschmidt, Stuttgart 1963.



**interior** dessa totalidade. O embriólogo alemão Erich Blechschmidt († 1990) afirmou isso muito claramente: "Para cada organismo vivo, bem como para o embrião humano, a Lei de Conservação da Individualidade é válida **1**"(2). Ele quis dizer que a **forma da sua aparência** pode mudar ao longo do curso do tempo, mas que o próprio **ser** essencial permanece inalterado, presente e activo nessas formas e configurações externas (ver FIGURA 2). Portanto, um óvulo humano fertilizado (célula) não é apenas uma *célula*, ele representa um organismo: é uma manifestação do organismo humano naquele exacto momento, nas circunstâncias e condições ambientais que existem um dia após a concepção. Através de todas essas mudanças externas na configuração e na forma, o organismo humano, o ser humano manifesta-se continuamente como a totalidade que é durante **todo** o período embrionário.

Como todo o ser vivo, o embrião humano é, em **cada** fase do desenvolvimento, um todo coerente, uma unidade de forma. Forma e função interagindo com o seu ambiente. É sempre ele mesmo. Por outras palavras: como embriólogo sou capaz de explicar cada aparecimento ou manifestação, cada estágio deste ser pelo facto de conter um genoma humano (resultante da fusão de dois gametas humanos) (i), e pela história natural deste estar num estágio específico (ii) e das *influências de* e *interações com* o ambiente que contribuem para esse estágio (iii). Isso significa que, do ponto de vista científico, em todos os estágios, o embrião humano, apesar da homologia com outros embriões mamíferos na forma e na configuração, é uma manifestação **humana** (FIGURA 1 e 2). A sua configuração e forma são exclusivamente **humanas**, nem mais nem menos. Dadas as condições acima mencionadas, é assim que um ser humano se parece quando tem, por exemplo, cerca de quatro semanas de vida (FIGURA 1). Do **ponto de vista considerado aqui**, não há nenhum argumento para que eu deva julgar qualquer fase anterior como menos *valiosa* ou *ainda não humana*. Na verdade, sabemos disso e é evidente para todos. Nunca conheci alguém que me mostrasse (com orgulho) uma fotografia sua (ou mesmo, como uma variante moderna, uma imagem de ultrassom pré-natal) e dissesse: "Olha! Aqui ainda não era eu!"

Como todo o ser vivo, também somos aparições no tempo.

Em todos esses processos de desenvolvimento embrionário, o ADN ou os genes não desempenham o papel causal ou determinante que costumam desempenhar nas mentes simplistas de muitos biólogos. Isso é um engano, um mal-entendido. O genoma (ou seja, a totalidade dos códigos genéticos no ADN de um organismo) é regido, regulado e determinado continuamente como um processo no tempo pelo contexto e ambiente desse genoma, ou seja, pela posição da célula dentro do embrião inteiro, pela fase em que o embrião se encontra naquele momento, pela atividade do citoplasma e assim por diante. Considerar o ADN como uma espécie de *motor* ou *impulso* por trás do desenvolvimento embrionário é puro disparate no que diz respeito aos princípios da biologia do desenvolvimento. "Gene agieren nie, sie reagieren" **1**: *os genes nunca agem, eles reagem*. Eles desempenham o papel de uma espécie de princípio de manutenção e conservação dentro de um contexto ou ambiente em constante mudança. Para elucidar isso, a próxima imagem pode ajudar. Os genes podem ser considerados como a argila em condições necessárias para que as mãos modeladoras façam o seu trabalho de modelagem. Nem a argila, nem as mãos por si próprias chegam à forma pretendida pela mente modeladora do artista.

---

2- Números em *bold* no final de uma frase referem-se ao índice com literatura no final do artigo

O barro nunca se tornará uma estátua por si só, nem as mãos modeladoras gesticulando no ar criarão uma estátua sem encontrar a resistência do barro. Um processo de interação e encontro entre os dois princípios é *conditio sine qua non*. Dessa forma, os genes representam um factor necessário de resistência com o qual os fatores ambientais actuam modelando e gerando diferenciação, e vice-versa. Nem os genes nem o ambiente são causa, ambos **são necessários, mas por si só não são condições suficientes** 2. A diferenciação também vai de fora para dentro, não apenas de dentro (as partes) para fora (o todo).

Mas explicar o embrião não é o objetivo deste artigo. Aqui, estamos tentando perceber e **compreender** o embrião humano em termos de seu ser, do seu tornar-se humano.

Estamos *em busca* do comportamento humano. Para obter tal compreensão, é necessário afirmar que *compreender (percepcionar)* o embrião significa *compreender o todo*, a entidade. O conhecimento ou a percepção das partes (do corpo), sejam células ou órgãos, nada nos ensina sobre a questão colocada: o que é que um embrião está realmente a fazer? Como afirmado antes: compreender (percepcionar) um embrião é diferente de explicar um embrião.

Explicar - ou seja, buscar as causas da forma, forma e Gestalt de um embrião - leva uma pessoa às partes (do corpo), às células, aos processos bioquímicos celulares e ao ADN. É esse o caminho da biologia comum. Um princípio que reduz o todo, a entidade, o organismo às suas partes e então considera as partes como primárias. A compreensão (percepção), por outro lado, leva ao todo, à manifestação do organismo como um todo. É a entidade do todo que se comporta. Quando se olha para um carvalho, sabe-se que é diferente de uma bétula. Quão diferente? O carvalho não fala nem escreve sobre si mesmo. Ou ...? Aqui encontramos novamente o problema de definição que tratámos neste artigo anteriormente.

Por que não afirmar que o carvalho e a bétula se expressam de maneira diferente, se comportam de maneira diferente e falam uma língua diferente? Quando não aplicamos a definição reducionista de *comportamento* - que é *realizar um acto por meio de um aparelho locomotor controlado por um sistema nervoso* -, os organismos exibem *comportamento* nas suas formas e configurações em corpo, na sua Gestalt. Em seguida, eles gesticulam e actuam de forma expressiva. Isso dá a oportunidade de entender a sua expressão, o seu comportamento. Eles comportam-se de uma maneira que **muda continuamente** ao longo do tempo, o que é típico e essencial para os seres vivos! Da concepção ao nascimento, do nascimento à morte, a biografia humana é uma entidade orgânica, uma totalidade.

**Todas** as aparências e expressões de um organismo humano devem ser entendidas e interpretadas como comportamento humano na definição do biólogo Weiss, quando afirma "Os sistemas biológicos **comportam-se**".

**"Das Seelische übt sich voraus"**

**"A alma exercita-se previamente"**

Portanto, um embrião funciona, não no sentido usual de um corpo que **tem** uma função (ou órgãos que **têm** uma função), mas no sentido de formas que **são** função. Essa noção representa uma chave importante para as questões com que estamos a lidar neste artigo e requer explicações mais alongadas.

Na visão sobre a vida embrionária humana que aqui se desenvolve, é possível superar (para dizê-lo de forma filosófica) a dualidade de forma e função (ou, talvez mais exactamente, de

forma e mecanismo). A cada vez, pode-se observar que na natureza viva, nos organismos vivos, a forma e a função (mecanismo) se adaptam e encaixam perfeitamente. A relação entre os dois é íntima, intrincada, como a chamada *relação entre o ovo e a galinha, quem terá aparecido primeiro....*

O anatomista ou morfologista, que é o especialista em formas e contornos, por assim dizer, pode afirmar que, *porque um órgão é formado e construído desta ou daquela maneira, ele funciona, trabalha desta ou daquela maneira.* Já o fisiologista, que se considera um especialista em funções e mecanismos nos seres vivos, poderia responder a esta afirmação dizendo que *um órgão que tem que funcionar desta ou daquela maneira tem que ser construído ou tem que parecer de uma maneira ou de outra.*

Quem está certo? O que é primário, o que é secundário? Aparência (forma) ou função (mecanismo)? É difícil decidir ou deixar que um ou outro prevaleça.

Quase sempre as pessoas consideram a forma e a função (mecanismo) como um tipo de *dualidade*: ou forma ou função. No entanto, os dois estão ligados e envolvidos um com o outro inseparavelmente.

É o embrião que pode lançar uma nova luz nesta controvérsia entre forma e função. O embrião muda continuamente a sua forma aparente como uma firme e constante metamorfose. Mudar de forma é uma questão de movimento!

Aqui, no entanto, estamos a lidar com um tipo especial de movimento, um tipo particular de *comportamento*.

Aqui está um exemplo para elucidar essa ideia: Quando pego num copo d'água com o braço e a mão, executo uma acção através do braço e da mão. O meu braço é um substracto anátomo-fisiológico, uma forma que é aplicada e utilizada na função ou acção de agarrar um copo d'água.

Um embrião de cerca de quatro ou cinco semanas ainda não possui esse braço ou mão no que diz respeito à anatomia, mas durante as semanas seguintes de desenvolvimento embrionário, podemos observar um braço a crescer. Partes e elementos do que se tornará um braço aparecem discerníveis. O braço em desenvolvimento exhibe um movimento de crescimento ou *gesto* de crescimento. No final desse longo período de desenvolvimento, o *resultado* é um braço, uma estrutura, uma forma, perfeitamente ajustada para levar copos d'água à boca.

Em termos globais, pode-se afirmar que no final de um longo **processo** de transmutação e transformação surge como *resultado*, um braço, uma **forma** muito especial. A forma surge de um movimento, como a fase final (quieta ou congelada) de um processo do movimento de crescimento. A maneira pela qual tal braço é *conseguido* ou consumado também determina as formas e configurações daquela estrutura e, portanto, a função eventual (ou função potencial). A natureza do processo do movimento de crescimento é uma importante condição determinante (e modeladora) para a função posterior.

O movimento do gesto e do crescimento está relacionado com o gesto que é *a posteriori* funcionalmente possível. Nesse sentido, um braço e uma mão podem ser considerados como *realizando* um movimento de apreensão durante o crescimento. Se considerarmos, ao contrário, o gesto de crescimento que é realizado por uma perna e um pé em desenvolvimento, então poderemos observar um movimento de crescimento completamente diferente, um gesto funcional diferente. Em alguns aspectos, assemelha-se a um braço, mas em outros aspectos difere muito do braço e da mão. Por exemplo a perna

crece mais num gesto de alongamento e extensão, enquanto o braço exhibe mais um gesto de flexão e preensão. A conclusão das considerações apresentadas aqui poderia ser que um embrião **ainda não tem** (possui) uma forma que funcione, como um organismo adulto ou totalmente crescido, no entanto o **embrião funciona em formas**.

No adulto e noutros organismos totalmente desenvolvidos, geralmente consideramos a forma e a função como algo dualístico e separado, embora princípios fortemente relacionados e interligados.

No organismo embrionário, esses dois são **um** e unificados. O embrião funciona holisticamente, em formas e configurações de crescimento e transformação. É um processo em movimento.

O embrião executa ou exhibe gestos e movimentos; realiza acções através do seu *Ser*, do seu *Tornar-se*, crescendo e transformando-se. Isto significa: um embrião exhibe um comportamento (de crescimento) **3**.

Podemos então considerar uma outra etapa.

No modo de vida embrionário, a forma e a função ainda estão relacionadas e firmemente ligadas. E no organismo adulto, onde a forma está quieta, a função aparece ou é liberada num outro nível superior?

Quando o processo morfológico chega mais ou menos ao fim, o braço pode começar a funcionar de maneira fisiológica.

Consideremos por exemplo que o facto da forma e da função de um braço estarem afinadas de uma maneira tão perfeita e harmoniosa, pode ser devido ao fenómeno da função do braço, como instrumento de preensão, ter sido pré-exercida embrionicamente durante o crescimento.

**Esta é uma função fisiológica como um gesto de crescimento liberado.**

O embriólogo Erich Blechschmidt dá um passo ainda mais além e aplica este princípio da liberação da função a partir da estrutura em crescimento ao nível de gestos e funções psicológicas. Assim ele chega à surpreendente conclusão "Das Seelische übt sich voraus" ("A alma exercita-se previamente") **1**.

Funções corporais, funções fisiológicas, funções psicológicas são pré-exercitadas enquanto gestos e movimentos de crescimento no embrião.

O ser humano já respirou muito antes de respirar pela primeira vez após o nascimento. A dinâmica - no sentido do **gesto** de desenvolvimento morfológico - com a qual pulmões, tórax e diafragma se desenvolvem e se desdobram, pode ser considerada e interpretada como um tipo de respiração porque são movimentos respiratórios.

A respiração de um embrião ainda não é respirar o ar de uma *forma fisiológica*, mas representa uma *respiração mais fundamental* de uma forma *morfológica*.

Visto por esta perspectiva, o embrião olha, agarra, caminha. Ele também se mantém de pé com firmeza.

O gesto e a acção de nos alongarmos e ficar em pé já estão a ser realizados ou pré-exercitados enquanto embrião humano entre a quinta e a décima semana de desenvolvimento pré-natal como um gesto de crescimento. Essa postura durante o crescimento é uma condição necessária para o desenvolvimento de um corpo, um ser que mais tarde é capaz de ficar em pé e erecto fisiológica e até psicologicamente.

Para voltar à questão central deste artigo, podemos afirmar que os gestos e acções embrionárias de crescimento são performances. **São performances enquanto acções de crescimento.**

Assim, voltamos à afirmação feita anteriormente: o embrião opera, comporta-se, em formas e configurações.

A linguagem das formas, a linguagem do corpo, é, no caso de um embrião humano, um tipo de linguagem humana e de comportamento humano!

### Existência centrípeta

Se considerarmos a existência embrionária nos termos aqui propostos, é possível que tenhamos que considerar a direcção e orientação da existência embrionária numa perspectiva completamente nova. Normalmente, a existência embrionária é considerada um processo biológico que produz ou resulta no comportamento humano.

Pensamos, por assim dizer, *de dentro para fora*, do centro para a periferia, ou seja: *centrifugamente*. Há um óvulo fertilizado no início, que em seguida cresce e se torna um indivíduo humano; o homem é um produto do processo. Neste conceito, a mente ou alma humana também são produzidas por este evento ou processo. A mente é uma consequência do corpo e da formação do corpo. Os processos mentais do indivíduo humano são adicionados aos processos gerais do não-indivíduo das fases anteriores. Também nesta perspectiva o embrião assume algo como um status geral de não-indivíduo-humano: na fase embrionária ainda não se fala em individualidade ou existência pessoal.

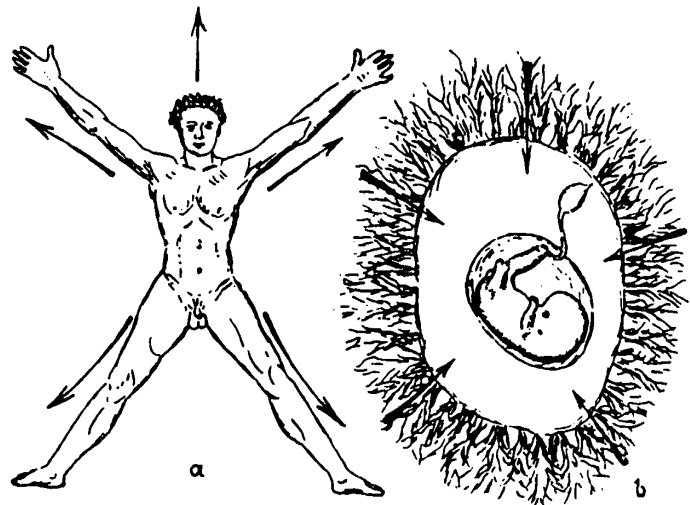


FIGURE 3

Revolution of the orientations of being between an adult (a) and an embryo (b).

From: *Dynamische Morphologie*, O.J. Hartmann, Frankfurt/M., 1959.

Na visão representada neste artigo, a dinâmica da existência embrionária é caracterizada pela *orientação de fora para dentro*, ou seja, *centrípeta*. O que isso significa é que, no aparecer corporal do embrião, um ser humano *imprime-se* a si próprio. Na FIGURA 3, a revolução da orientação do ser entre um embrião e um ser humano adulto é representada esquematicamente.

Enquanto seres humanos adultos, *exprimimo-nos* através do nosso corpo: o mundo é o nosso propósito e o corpo é o instrumento para esse fim. O embrião, por outro lado, *imprime-se* a si mesmo numa organização corporal. A existência embrionária, portanto, é uma espécie de existência silenciosa, calada e introvertida.

A ideia de que um embrião ainda não está a fazer nada e ainda não está a agir, é um grande mal-entendido e uma desvalorização. A acção, a performance é dirigida a si mesmo, para dentro. Ele representa a acção humana e o comportamento humano. Nesta perspectiva, a performance embrionária também expressa um ser humano e a sua alma enquanto primária. O ser humano é um ser que se manifesta em primeira ordem através de gestos de crescimento, através de movimentos da forma, depois mediante processos fisiológicos

liberados (comportamentos) e posteriormente por meio de comportamentos e gestos psicológicos.

Todo o comportamento humano é expressão.

Entretanto, parece que estamos longe da visão reducionista usual.

No fluxo de pensamento que seguimos aqui, chegamos a uma conclusão bastante diferente. Estou ciente de que a diferença em relação à embriologia oficial não está tão representada em conclusões alternativas, antes apresenta um *ponto de vista* alternativo, uma mudança de paradigma, proporcionando uma oportunidade para reflectir sobre a existência embrionária. É lançada outra luz sobre o funcionamento embrionário. Se o homem é um ser de mente e corpo, a existência embrionária também é a manifestação de um **Ser espiritual**.

Durante a existência embrionária, o ser humano expressa-se.

A alma ou espírito é primário, o corpo é secundário, pelo menos no ponto de vista dualístico em que espírito (alma) e corpo estão em oposição um ao outro.

Mas também se poderia considerar de uma forma mais *monística*, parafraseando o filósofo DelaMettrie: “O embrião **não obtém** alma, ele **é** alma também”.

Está a aparecer um ser humano. Para compreender então o que se **exprime** (poder-se-ia dizer que se **imprime**), é necessário considerar os gestos de crescimento e a Gestalt como um comportamento (humano) sério e descrevê-los como tal.

Isso pode ensinar-nos algo sobre o **Ser** humano.

Podemos agora expandir a imagem de argila e das mãos de que falávamos há pouco. Tal como foi dito, nem a argila nem as mãos podem gerar forma sózinhas. A forma, a configuração da criação em barro só podem surgir na interação entre as duas.

Assim, o embrião humano não é **causado** pelo genoma ou pelos fatores ambientais, ele surge (para se manifestar) *graças* a essas duas condições.

Como qualquer organismo, o embrião humano não é unicamente o produto de um programa genético (factor inato), nem é exclusivamente determinado por fatores ambientais (factor adquirido). Os organismos, no mínimo, surgem da interação entre os dois, necessários, mas insuficientes se actuarem sózinhos. Na metáfora do artesão que trabalha o barro, existe também a realidade do próprio artesão que tem em mente uma ideia daquilo que vai ser moldado.

Quando o processo é bem-sucedido e as condições da argila e das mãos que a moldam o permitem, surge aquilo que o criador tinha idealizado.

Isto também pode ser aplicado a um ser vivo, a um organismo.

Nesta perspectiva, o organismo é considerado uma estrutura de natureza transcendental, *invisível*, como as ideias e pensamentos na mente do artesão. É semelhante ao argumento de *nature vs nurture* (inato vs adquirido): cada um por si é necessário, mas não suficiente para que o organismo apareça.

Assim, uma espécie de terceira dimensão é pensável: a essência da estrutura transcendental existente **no tempo** que não é produzida pelo processo de modelagem da argila, mas se manifesta como resultado desse processo.

Um ser humano chega à terra: passo a passo, ele molda o seu *fenótipo* (configuração da aparência) e dá, na plenitude do tempo, (pode-se também afirmar contínuo e *sem fim*) forma para as condições biológicas e outras que encontra.

Um plano espiritual está a surgir. É necessária uma biografia completa para o fazer. Isso torna um embrião realmente interessante. Então, alguém pode descobrir uma embriologia humana

que é capaz de descrever a *encarnação*, a partir de factos perceptíveis do desenvolvimento embrionário. Por *encarnação* entende-se aqui, nem mais nem menos. do que uma visão centrípeta da existência humana: originando-se num **além**, um **lá fora** vindo para um **aqui**. Fica claro que essa visão ou perspectiva é muito diferente da forma usual de observação nas ciências naturais. Uma tese mais extensa é necessária para fornecer uma base para esta outra maneira de ver, com uma metodologia responsável.

Certamente é possível. Aqui é suficiente referir-se a abordagens *fenomenológicas* praticadas por pensadores e cientistas como Goethe, Husserl, Weiss e muitos outros **6**.

Gostaria de terminar este artigo com um exemplo do tipo de percepção que se pode obter por meio da abordagem fenomenológica em que a existência embrionária é considerada como um comportamento humano (de crescimento).

### **Naquele preciso momento**

Para a maioria das pessoas, a concepção humana é um começo, um momento inicial.

Pensa-se que a fertilização é alcançada pela fusão dos dois núcleos dos gametas envolvidos, crescendo em seguida para.... Nessa noção de crescimento, está envolvida a noção de começo. Começa com a concepção, o resto é consequência. Isso foi discutido aqui extensivamente. Nessa visão, as crianças são o resultado da concepção; elas são concebidas e podem ser concebidas a partir do processo. Toda a moderna tecnologia de reprodução artificial é consequência indirecta dessa visão e parece confirmá-la.

Entretanto como é que o processo de concepção pode ser considerado na visão centrípeta apresentada aqui? Seria necessário, no mínimo, um artigo com o dobro do tempo para descrever os processos e toda a dinâmica do processo de fecundação humana de forma fenomenológica **4,5**.

Por algumas horas, uma imensa polaridade é criada entre os espermatozóides e o óvulo, resultando num delicado e instável complexo de atração.

Nessa situação, as relações biológicas usuais entre a célula e o núcleo estão viradas do avesso e, de facto, são criadas dimensões não biológicas incomuns. Os espermatozóides e o óvulo criam uma situação que pode ser descrita como o completo reverso das relações biológicas usuais da célula viva.

Uma situação em que tudo pode acontecer, mas nada está determinado.

Neste equilíbrio, nestes momentos tão instáveis, a dinâmica do *fazer* parece não ser a regra, trata-se antes da dinâmica dos **ajuntamentos criativos** e do **encontro**.

Se os fenómenos desse acontecimento interativo são vividos rigorosamente no seu gesto e dinâmica - que na verdade é o princípio da fenomenologia - a imagem e a experiência de uma concepção receptiva prevalece.

Não apenas uma concepção horizontal enquanto questão central - isto é, aquela ao nível físico, material da realidade das células, dos núcleos, da biologia, da fusão de dois gametas -, mas também uma conexão vertical ou encontro entre o *além* e o *aqui*, entre *espírito* e *matéria* ocorrem.

A concepção que imitamos e manipulamos com sucesso na tecnologia de reprodução artificial não é a concepção real: os eventos no nível biológico são (talvez seja enfadonho, mas aqui está novamente) as condições necessárias, mas não suficientes para uma concepção num outro nível .

Mesmo *in vitro*, um bebé nunca é *feito*.

A concepção é um momento que vincula e conecta. O que foi unido na concepção será desligado e dissolvido no momento da morte (decomposição).

Quando alguém morre dizemos: O que resta é o cadáver como um remanescente, abandonado pela alma? A concepção é um acontecimento, um acto ao contrário: o que antes era separado liga-se, junta-se.

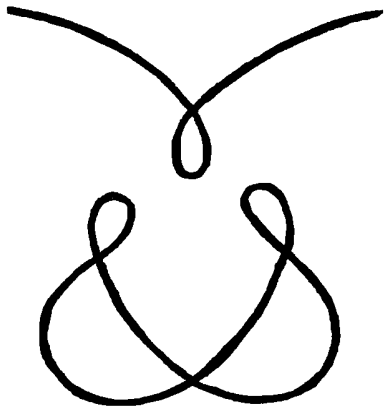


Figure 4 Icon on a birth announcement

Se essa conexão ou união for bem-sucedida, a concepção real (a fusão de gametas e assim por diante) é mais uma consequência do que uma causa. Durante a concepção, uma Terceira Pessoa torna-se possível e surge, não por causa do substrato físico de duas outras pessoas (veja a FIGURA 4). Nessa visão, o homem não está a reproduzir-se no sentido de se replicar ou se reproduzir. Um ser humano não é reproduzível, pelo menos quando se considera a biografia como a única entidade válida do ser humano 2. Na verdade, não nos reproduzimos nos nossos filhos. “No mesmo momento em que eu era *tu* e *tu* eras eu” (como dizia o poeta), o Outro pode encontrar a oportunidade e as condições para

enraizar, para se ligar. Não por causa da concepção, mas graças a ela.

### De 'além' para 'aqui'

A conexão na *direção vertical* é o tema central durante a concepção bem como na dinâmica e orientação de todo o desenvolvimento pré-natal.

Esta orientação específica, esta *direção de existência* representa o gesto essencial do desenvolvimento e do nascimento. Ainda mais literalmente, uma orientação de *além* para *aqui*, da periferia para o centro, pode ser vista no embrião.

Passo a explicar:

No final da primeira semana do desenvolvimento embrionário, a entidade do embrião, que nesse momento é representada por um pequeno organismo esférico constituído por algumas células geneticamente idênticas, divide-se.

Diferencia em duas populações de células, numa dualidade.

Durante os primeiros dias de desenvolvimento, o ovo fertilizado (zigoto) é gradualmente dividido em mais e mais células por um processo de subdivisão (não por crescimento).

O embrião é dividido em várias células menores, como se o embrião se desmoronasse em células. Por volta do sexto dia após a concepção, o embrião é uma pequena vesícula desfeita num manto externo (*o trofoblasto*) consistindo nalgumas centenas de células com algum fluido dentro e num centro ou núcleo que integra um pequeno número de células (8 a 12) que representa o plano (o Anlage) deste último, denominado embrião (real ou próprio) e que é denominado *embrioblasto*.

A partir desse momento, um organismo humano consiste num corpo periférico (*corpo invólucro*) - a parede da vesícula, o *trofoblasto* que dará lugar, posteriormente, à placenta e outras membranas - e um *corpo central* denominado *embrião propriamente dito*, o corpo que se tornará o nosso corpo real no nascimento.



Claro que esses dois corpos vão transformar-se e metamorfosear-se completamente, mas a dualidade que aparentemente é essencial e marca a nossa existência pré-natal, permanece presente e é discernível durante toda a nossa vida pré-natal.

Se o embrião tem uma semana de idade - o *exterior* é chamado trofoblasto e o *interior* embrioblasto- ou duas semanas de idade - quando características e nomes mudaram para *ectocisto* e *endocisto* - ou algumas semanas de idade - agora *saco amniótico* e *embrião* - ou alguns meses de idade - *membranas* e *feto* - sempre existe essa dualidade.

Os processos no embrião vão de fora para dentro?

Por exemplo, na segunda e terceira semanas, um fluxo de sangue e nutrição deve ser desenvolvido a partir desse *corpo externo* a fim de assegurar a existência do corpo central.

A primeira aparição de um coração representa o centro de toda esta entidade naquele momento.

Caso contrário, o centro se soltará da sua periferia e poderá morrer, resultando num aborto espontâneo.

Um limiar perigoso é alcançado entre a segunda e a terceira semana: o embrião vem de uma existência mais periférica (*além*) para uma existência no centro (*aqui*).

Por assim dizer, vem mais à *terra*.

Ele está a encarnar mais profundamente no corpo.

Todo o desenvolvimento embrionário é um processo de encarnação, um en-volvimento?

Essa dualidade na existência pré-natal, essa dupla corporeidade, deve ser levada a sério.

Os nossos invólucros (o corpo periférico, as membranas e a placenta) não são suplementos ou apêndices como os embriólogos e os ginecologistas comuns aparentemente querem que acreditemos!

A dinâmica do embrião mostra-nos que o corpo central aparece a partir do corpo periférico. Ele emancipa-se dele num processo de autonomia, de obtenção de independência.

Então, no nascimento, ocorre uma espécie de processo de desvinculação e um ser humano surge através de uma espécie de processo de morte, morrendo a partir do seu *self*.

Todo o processo de desenvolvimento pré-natal traz também a assinatura de vir à terra, de emancipar-se de uma dimensão (espiritual?) periférica.

Não é significativo que na língua alemã o nascimento seja denominado Entbindung (traduzido como de-composição)? O que estava vinculado e conectado é desligado e dissolvido.

Ser *de-livered* (des-“figado”, dado à luz) como no caso da morte?

Como no leito de morte a alma e o corpo são separados, nascer pode ser descrito como um processo de morrer a partir do próprio contexto (ver o texto na página 16).

## UMA HISTÓRIA SOBRE UMA EXISTÊNCIA INIMAGINÁVEL

Imaginemos que (ainda) somos um feto. *Pensando* que o mundo é como nós, conheçamo-lo e experimentemo-lo neste momento. Que outra forma poderíamos imaginar? Acabámos de acordar neste mundo, nesta realidade. Acordámos abrindo e descobrindo os nossos sentidos, ainda estamos sonhando e lentamente, passo a passo, tomamos consciência das coisas, do mundo ao redor. A nossa experiência não vai além de um manto de água quente. Um calor turvo envolve-nos, sabemos-nos envoltos numa cobertura suave e ondulante. A consciência não vai além disso. Há escuridão, de vez em quando uma luz brilhando suavemente. Vagamente ouvimos rumores suaves. Vozes e o murmúrio de um coração. Está aí, ao nosso redor. As coisas ainda não têm nomes: ainda não há noções. Podemos pensar: "É isto, este é o mundo, a realidade, então como será minha existência." Como poderíamos saber mais do que isto?

E apegamo-nos a este mundo. Com uma entrega total, construímos raízes de confiança e de estar neste mundo, neste manto vivo de membranas e placenta. É esta a nossa sua segurança e garantia. É aqui que encontramos fôlego e alimento, aqui existimos, aqui nos enraizamos. Uma base sólida e segura, o *chão* sob os nossos pés. "Olhem para mim, suspenso em cordas que existem toda a vida", como diz o poeta. Imaginemos que (ainda) somos um feto e podemos pensar: "É assim que as coisas são, é assim que deveriam ser. Isto é a vida, a existência; esta é minha realidade, o meu mundo."

E então ....! Então chega um momento em que o chão de membranas e coberturas sob os nossos pés começa a tremer, começa a falhar, a ceder! Agora as conexões confiáveis e seguras mudam. Os vasos sanguíneos rompem-se, a respiração está quase perdida! Aquela mala confiante que nos transportou começa a (re) mover-nos. Somos expulsos do nosso paraíso, os nossos alicerces vacilam. A água que nos transportou todo este tempo, que nos protegeu, nos alimentou e nos cobriu, escorre. Fomos expulsos! *Para fora?* *Para fora* onde? Existe um *lado de fora*? Não existe fora, não existe um *lá fora*, não existe outra forma de viver, de ser! É INIMAGINÁVEL que pudéssemos continuar sem aquele mundo conhecido em que acordámos, que nos transportou e em que confiámos! Estamos em dor, angustiados, estamos a morrer ...!

Mas então....! O INIMAGINÁVEL acontece! No fim de um túnel estreito e escuro estamos vivos! É possível! O ar queima os pulmões, mas podemos respirar. É um estilo de vida desconhecido. Há sons leves e fortes, mas também mãos e braços quentes que nos transportam e confortam. Também podemos comer e ser amamentados: há um seio quente podemos voltar para casa.

Não é o mesmo tipo de noção que nos impede de olhar para a fronteira da nossa morte agora? Quanto INIMAGINÁVEL é podermos sobreviver sem tudo isto que representa o nosso mundo, a nossa realidade actual? Este corpo, tão familiar e uma casa confiável, por toda a vida. Este mundo em que estou seguro e certo de estar vivo. Poderia haver *um outro lugar, uma outra forma de vida*? Uma existência *lá fora*? Não pode existir, é inimaginável.

Imaginemos que somos de novo um feto, nesta realidade, neste mundo! Que um dia possamos nascer através de um túnel para outra forma de ser, vivendo *do outro* lado? O inimaginável como possibilidade? E quem sabe, alguém nos espera naquele outro mundo, será que nos sentem aqui durante a gravidez?

Nascer: morrer da coerência e da totalidade da nossa existência pré-natal, sair do *lá* para o *aqui*. Morrer: ir embora *daqui*, nascer num *ali*, num outro lado? Nascer e morrer, dois lados, dois aspectos de um mesmo movimento?

JvdW

## Conclusão

Pai, de onde eu venho? Para a maioria das pessoas, esta parece ser uma pergunta sem sentido numa década em que todos são doutrinados com o dogma e os artigos de fé da ciência natural moderna. Muitas crianças receberão a resposta de que vêm do espermatozóide do pai ou da barriga da mãe. Hoje em dia fazemos e até fabricamos bebés e muitas pessoas estão convencidas de que o seu pensamento é cientificamente correcto e objetivo quando afirmam as coisas desta forma. Este artigo delinea, mais ou menos, uma embriologia que justifica nomear a existência embrionária e pré-natal como Ser e Tornar-se humano. É uma embriologia enraizada e baseada em *factos e fenómenos objetivos*, bem como na sua contraparte das ciências naturais, mas que pode superá-las...

É uma embriologia que oferece uma visão sobre o desempenho *humano* naquela existência muda e silenciosa em que ainda escrevemos a nossa biografia em frases e condições biológicas. É onde a única entidade, pessoa ou *entelequia* (3) que todos nós como seres humanos somos, não está fora do jogo (ou *ainda não está presente*), mas luta para se iluminar através de performances biológicas, bem como condições de células, genes e outras. É uma embriologia que, eventualmente, tem que responder à pergunta *de onde eu vim*, feita por quase todas as crianças aos seus pais: "Bem, tu vieste do céu, meu filho. Eu não te fiz, nem a tua mãe te fez. Tu és tu próprio; não pertences a mais ninguém. Segue o teu caminho e torna-te tu próprio. No final, terminarás e completarás o caminho que percorreste e que inclui a tua existência biológica. Vai então, até ao último momento, para o significado por trás da última frase que vai fazer o *mundo e nós* vermos claramente **quem** realmente era esta pessoa, este ser que estava aqui. Aí poderão ler na tua biografia": *Ecce Homo. Olha, era este humano entre nós.*

Jaap van der Wal Novembro de 1997

(Agosto de 2003)

**Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação ou transmitida em qualquer forma ou meio, eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a autorização prévia do autor.**

---

3- Na filosofia, a entelequia é propriedade de algo que tem seu objetivo em si mesmo. O termo entelequia é composto por três componentes: en, tel de telos, echeia de echein. O conceito foi introduzido por Aristóteles em *Metaphysics IX*, 8.

## Literatura

(As referências à literatura são indicadas no texto por um número em bold)

- 1- Blechschmidt, E., 1979, Zo begint het menselijk leven, Buijten en Schip-per-heijn, Amsterdam.
- 2- Zit er toekomst in ons DNA? Genetische manipulatie bij plant dier en mens: een aanzet tot maatschappelijke oordeelsvorming. Uitgave van de Werk-groep Genen-manipula-tie en Oordeelsvorming, Driebergen. Onder redactie van Jaap van der Wal en Edith Lammerts van Bueren, 1993.
- 3- Wal J.C. van der, 1987, De kracht van het stille bestaan - de overlevings-strategie van ons embryo-nale Zijn. In: Strate-gieën van overleving, Con-gres-boek, Onder-zoeks-centrum Marginali-teit K.U. Leuven: 125 - 170.
- 4- Wal, J.C. van der, 1979, Konseptie: leven door de poort van de dood. In: Tijd-schrift Jonas, nr. 17, 20 de abril de 1979: 3-5.
- 5-Wal, J.C. van der, 1993, Conceptie: een incarnatie door het oog van de naald. In: Tijdschrift Jonas, nr. 8/9, 17 de dezembro de 1993: 12-15.
- 6- Wilmar, F., 1982, Menswording vóór de geboorte; een spirituele embryo-lo-gie, Vrij Geestesleven, Zeist.

## Agradecimentos

Desejo agradecer a. Michael Shea, PhD, pelo seu extenso esforço para ler o conceito deste artigo de forma completa e precisa. Ele deu-me muitas observações, comentários e sugestões gramaticais que aceitei com gratidão. Isso tornou o artigo muito mais legível para o meu público de língua inglesa.

## Sobre o autor

Jaap van der Wal. J.C. van der Wal, MD PhD.

Nascido em: 17-02-1947. Concluiu os estudos médicos em 1973. Trabalhou depois como professor associado de anatomia e embriologia em várias universidades na Holanda. Formou-se em 1998 com uma tese sobre propriocepção.

Interesses particulares: desenvolvimento embrionário - evolução - genética - filosofia da ciência.

A maior inspiração quanto à imagem do homem é a antroposofia de Rudolf Steiner. Procura fazer a ponte entre as ciências naturais e a espiritualidade através da abordagem fenomenológica de Goethe. Atualmente conectado à Universidade Maastricht, Holanda.

## CONCEPÇÃO

Desejo dar-nos um filho.  
Não apenas nada,  
ou uma soma  
de dois tipos de genes,  
ou apenas um acidente  
num mar de tempo.

Mas .....  
uma maravilha,  
suspensa no oceano azul  
e segura  
no teu colo.

Tornar-se,  
Criado,  
naquele exacto momento,  
em que eu era *tu*  
e *tu* eras eu  
e encontrámos e conhecemos  
o Outro.

***JvdW***

**Tradução de Sofia Neuparth**

**c.e.m-centro em movimento**

<https://c-e-m.org/>

